

MARIA CAMBOTA

(Original em três atos de Érico Cramer.)

1º ATO

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO QUE DEVERÁ SEMPRE, FAZER FUNDO ÀS NARRAÇÕES.

- Narrador - Seu nome era Maria Emê, mas, na pequena cidadezinha onde ~~ela~~ morava, todos a chamavam de Maria Cambota, porque ela possuía, de nascença, ambas as pernas quasi tão tortas como um arco de barrica. Além disso, era moça pobre e feia. Dona Elvira, sua mãe, antes de morrer, entregara-a, pequenina, aos cuidados dos padrinhos - Dona Cordélia e seu Liberato - que, embora pobres, também, haviam se esforçado em dar à menina alguma educação e algum preparo. (P.T.) Para cúmulo de todos os azares, Maria Cambota, aos cinco anos de idade, levára um susto tremendo e ficára ligeiramente gaga, o que inda mais acentuava o grotesco da sua personalidade. Mesmo assim, ela não mostrava ter qualquer recalque com a sua situação e fazia parte de um grupo de moças e rapazes, com quem ia a todos os divertimentos, destacando-se, sempre, pela sua alegria e bom humor. Os outros, geralmente, é que se impressionavam com o seu defeito e era comum ouvir-se, entre as suas amigas, comentários como este:
- Zélia - Tú acreditas, Dalva, que a Maria Cambota vai se fantasiar conosco nos bailes de carnaval?
- Dalva - Mas tú não esperavas que ela fosse? Pois se foi ela mesma que escolheu a fantasia...
- Zélia - É muito corajosa, não é mesmo? Ou então não tem o menor censo do ridículo.
- Dalva - Olha, Zélia: depois que ela se animou a botar maiô, naquele pic-nic que fizemos na Cascata... eu não duvido mais nada.
- Zélia - Que coisa horrível! Como os rapazes riam abertamente na cara dela! Tú te lembras?
- Dalva - Mas então?! E ela nem ligava. Rolava na água, inteiramente à vontade, dizendo uma graça pra um... gritando uma bobagem pra outro... Aliás, eu vou te dizer uma coisa: é muito bom que ela seja assim; não sofre tanto.
- Zélia - Não sofre nada, porque ela nem está se preocupando com o defeito que tem.



Dalva - E quando faz qualquer referencia a êle, ainda é a primeira a fazer graça dela própria. Tú sabes que eu admiro essa superioridade que ela tem? Acho que se todos os que possuem um defeito físico fizessem a mesma coisa que ela faz, não existiria tanto sofrimento e tanta revolta nos seus corações.

Zélia - E tú achas que a Maria Cambota não sofre absolutamente nada por causa disso? Tú achas que lá, bem no íntimo, ela não tenha pezar de ter nascido assim?

Dalva - Acho que não; tu sabes?

Zélia - Pois eu não sei, Dalva. Acho impossivel que ela não sofra.

Narrador - E sofria mesmo. Sofria, mas... não se dava por achada. Sofria porque apesar daquele seu temperamento alegre e brincalhão, ela, no fundo, era uma alma sensível e romântica. O que mais ansiava o seu coração de moça, era ser abraçada e beijada por um jovem bonito e elegante, que lhe segredasse, baixinho, ao ouvido, as palavras de amor que ela lêra e relêra, tantas vezes, nos romances de Dely e Ardel. (P.T.) Por incrível que pareça, mesmo <sup>por efeito</sup> ~~esse~~ como era, aparecera-lhe um admirador. Primeiro telefonára para a sua casa, sem identificar-se. Ela ficára verdadeiramente encantada na beleza e no calôr da sua voz. Dissera-lhe coisas tantas, que ela acabara rendendo-se ao seu desejo de conhecê-lo pessoalmente, mas, após à primeira entrevista, fôra ela própria quem, afogando-se de riso, contára às amigas o fracasso da sua primeira ilusão.

Maria - (gaguinha, falando sempre entre gargalhadas gostosas que não deixam entrever o amargor da sua desdita) Vocês nem imaginam quem seja o meu apaixonado. Vocês nem imaginam!

Zélia - Mas nós já o conhecemos?

Maria - Claro que conhecem. Eu tambem já o conhecia muito de vista, só não havia falado com ele antes. Vejam se advinham quem é o meu galã, vejam.

Dalva - Óra, Maria, não castigues mais a nossa curiosidade. Diz de uma vez.

Maria - Preparem-se porque vocês vão cair para trás.

Zélia - Estamos preparadas. Diz de uma vez.

Maria - (como quem atira uma bomba e espera o efeito da explosão) O Armandinho Birolho!

Zélia e Dalva - (JUNTAS) O Armandinho Birolho?!?!...



- Maria - (em gargalhadas) Ele mesmo! Não é uma coisa incrível? (Pausa) Vocês não acham uma coisa engraçadíssima? (Pausa) Que é que vocês acham, afinal? (Pausa) Por que não me respondem?
- Dalva - (depois de pausa) Bem, é que... é que eu não achei nada de mais, para ser bem sincera.
- Zélia - Eu também não achei.
- Maria - Mas pelo amor de Deus!... Vocês já olharam bem para o Armandinho? Pequeninho... ombros encolhidos... um nariz muito grande, os olhos atravessados... (rindo muito) Vocês acreditam que ele falava comigo e eu não sabia si ele estava me olhando? Eu nem sei como não ri na cara dele. Mas depois que me vi sózinha, eu ri tanto, tanto, tanto... que parecia uma louca.
- Zélia - Mas que foi que tú respondeste a ele, afinal?
- Maria - Eu fiquei com pena dele e não quizei desiludi-lo assim logo de saída. Disse-lhe que nunca havia pensado em namoro e que precisava esperar mais algum tempo para me habituar àquela ideia.
- Dalva - E êle?
- Maria - (rindo) Só vendo as coisas que me dizia. Parece que ainda estou ouvindo as suas palavras.
- Armando - Eu gosto de você, Maria Emê, desde a primeira vez que nos encontramos. Você estava com uma saia vermelha e uma blusa branca. Lembro-me tão bem!
- Maria - Mas isso faz muito tempo, então. Há quantos anos eu nem tenho mais essa saia?
- Armando - Você era meninota, nessa ocasião. Cito esse fato, para que você sinta há quanto tempo guardo no meu peito esse sentimento.
- Maria - É comovedor, não há dúvida. (ironia leve)
- Armando - Eu sou um rapaz pobre e não estou em condições de assumir, de imediato, um compromisso mais sério com quem quer que seja, mas se eu pudesse alinhar a esperança de que você viria a gostar de mim como eu gosto de você, então eu sinto que as minhas energias se duplicariam e que eu, em pouco tempo, teria conseguido uma situação melhor, impulsionado pelo desejo imenso de fazê-la minha esposa. (Pausa longa) Diga qualquer coisa, Maria Emê. (Pausa) Por que você não fala?



Maria - (contando) E eu não falava porque tinha medo de rir na cara dele; vocês sabem? Os olhos dele não paravam. Andavam, num vai e vem constante, de um lado para o outro e eu sem saber, nunca, quando ele estava me olhando. (rindo) Foi um espetáculo! Até agora, quando me lembro, eu não posso deixar de rir. (afasta, rindo sempre muito)

Narrador - E quando ela se afastou, sempre disposta e risonha, as amigas ficaram caladas por alguns instantes. Estavam, por assim dizer, apalermadas, com o estranho procedimento de Maria Cambota. Passados os primeiros instantes de admiração, os comentários irromperam, finalmente:

Zélia - Que será que ela espera? Algum Adonis, talvez?

Dalva - Eu acho que ela não tem nenhuma ideia de casamento, por isso achou tanta graça.

Zélia - Mas mesmo que não tivesse, não me parece que ela tenha o direito de rir do rapaz, daquela maneira, só porque ele é vesgo. E ela? Será que se olhou bem num espelho?

Dalva - Pode ser que justamente por se ter olhado, é que ela tenha achado tanta graça. Quem nos diz que ela não estivesse rindo de si mesma?

Zélia - Não, isso não. Tú bem viste que ela falou do nariz dele, dos ombros curvados e não sei que mais. Fazendo troça dele. A gente nunca se conhece bem, é bobagem. Eu que acho que ela devia levantar as mãos para o céu de lhe ter aparecido um vesgo, e ela ainda faz troça do infeliz.

Dalva - Eu acho que ela não fez troça dele. Que fez troça assim... de pensar no casamento, ela daquele jeito e ele com os olhos trocados... Eu acho que a Maria não tem nenhuma ideia de casamento.

Zélia - Não tem, tú dizes? Mas como, si ela procura namorar até os namorados da gente?

Dalva - Não, Zélia, isso agora, não. Tú já estás exagerando.

Zélia - Exagerando? Pois então pergunta à Cecília, si ela não procurou tirar lhe o Nicanor. Pergunta à Izabel si ela não fez força para namorar o Clóvis. Pergunta à Tereza si ela não andava como louca atrás do Heitor que o coitado queria ver o diabo na frente dele, não queria ver a Maria Cambota.

Dalva - Mas que coisa! Eu não sabia disso.

Zélia - Pois me admiro. Todo mundo sabe e faz troça. E tú repara que ela só procura rapazes bonitos e alinhados.



Dalva - Eu tinha ouvido falar qualquer coisa do Augusto Armênio.

Zélia - Puxa, mas a Lizete tem uma raiva dessa Maria Cambota por causa do Armênio, que nem te conto! Diz que ela vem de braço com o noivo e a Maria encara o rapaz acintosamente, fica sorrindo pra ele e nem cumprimenta a Lizete. E sai atrás dele e passa na frente e torna a voltar e sorri novamente...

Dalva - Mas o que é que a coitada da Maria pretende de um rapaz bonitíssimo e alinhado como o Armênio?

Zélia - E que tem uma noiva bonitíssima também, porque a Lizete é um amor.

Dalva - É sim. Tanto que eu discuto, sempre, quando dizem que ele vai casar com ela por interesse. Ele tem que gostar dela. Ela é uma menina linda!

Zélia - Bom, que ele é um pouco interesseiro a gente sabe, porque ele, até hoje, só namorou moças ricas.

Dalva - Imagina a Maria, coitada, que nem isso é, o que é que pode esperar?

Narração - Ninguém sabia. Nem ela mesma sabia o que poderia esperar, mas esperava alguma coisa que veio, caída do céu, explodindo na pequena cidadezinha, como uma bomba de furor extraordinário que atirasse tudo pelos ares!.... Primeiro, foi um aviso pelo jornal, de que a Embaixada Americana procurava a senhora dona Elvira de tal, para tratar de assunto do seu interesse. Dona Elvira não existia mais, mas a filha estava ali, pobre, feia, de pernas tortas, mas viva, bem viva e tão viva que logo procurou contato com a embaixada, mandando atestados, certidões e uma série de documentos exigidos. Ao fim de um mês e pouco da remessa da papelada, foi ~~propalada~~ <sup>uma</sup> notícia que andou, célere, de boca em boca, para ser, finalmente, confirmada pela própria Maria Cambota.

Zélia - É verdade o que ouvi dizer, Maria?

Maria - É verdade, sim, Zélia. Parece um conto de fadas, não é mesmo? Um tio que eu nem conheci, deixa a sua fortuna para uma sobrinha que ele nunca viu. Eu pensei que isso só acontecesse nos romances.

Dalva - E esse tio quem era, Maria? Tú sabias, ao menos, da existencia dele?

Maria - Sabia, porque a Madrinha me disse que a Mãe sempre falava nele. Era o único irmão que ela possuía. Quando rapaz entrou para a Marinha Mercante e numa das viagens que o navio fez para a America do Norte



êle desembarcou e ficou por lá. Disse que uma vez escreveu para a Mãe mãe, dizendo que estava como gerente de uma fábrica de papel em Boston. Depois que a mãe morreu, a madrinha comunicou a êle e nunca teve noticia nenhuma. Agora estava como sócio de várias indústrias e dono de uma fortuna colossal.

Zélia - E a única herdeira és tú?

Maria - A única. Estou rica, Zélia. Muitas vezes milionária. Não é assombroso tudo isto?

Dalva - E tú vais continuar aqui? Vais lá receber a herança? O que é que tú vais fazer?

Maria - Não sei, ainda. Foi tudo tão inesperado, que eu me sinto como um lago ~~tranquilo~~ tranquilo que revolveram o fundo, de repente, toldando a transparência das suas aguas, não permitindo que se divise nada através delas. Tenho que esperar que a areia sente novamente no fundo, ~~das~~ ~~aguas~~ para poder ver melhor o que convem fazer.

Narrador - Maria Cambota estava, efetivamente, com as ideias toldadas, sem saber o que fazer e o que desejar. Foi quando o Armandinho Biorlho, atraído também pelo rumor da grande bomba que explodira sobre a cidade, foi procurar Maria Cambota e, sem querer, fez despertar, no seu coração, um antigo desejo oculto que, naquele momento de confusão, inda não voltara à tona.

Armando - Fui sabedor da grande notícia e si bem que, particularmente, ela me entristecesse muito, não posso deixar de felicitá-la.

Maria - Obrigada. Muito obrigada, mas... por que razão ela o entristeceu?

Armando - Porque... continuo a gostar de você, Maria e agora... não tenho mais nenhuma esperança de conquistá-la. Agora... agora hão de vir outros pretendentes... muitos pretendentes e você... você poderá escolher o que mais lhe agradar.

Maria - (acordando, deslumbrada) Eu... eu poderei escolher!...

Armando - (controlando os soluços) Poderá escolher, sim, mas tenha cuidado!

Maria - (alheia, meio tom) Poderei escolher!

Armando - Tenha cuidado, porque a maldade e a ambição campeiam, desenfreadas, pelo mundo.

Maria - (idem) Poderei escolher!

Armando - Guide bem que essa imensa fortuna não se torne portadora de um pesa



do tributo que deva ser cobrado em lágrimas amargas!

Maria - (idem) Poderei escolher!

Armando - A vida vale, Maria Emê, pelas emoções agradáveis que o nosso coração possa experimentar, e essas emoções só podem ser despertadas por um carinho sincero, por um amor verdadeiro.

Maria - (idem) Poderei escolher!

Armando - A união de dois seres que não sejam movidos pelo mesmo sentimento generoso e profundo, é como um alteroso edifício que se constrói sobre falsos alicerces que não resistem ao peso de sua carga e termina ruindo fragorosamente.

Maria - (idem) Poderei escolher!

Armando - Eu gosto de você, Maria Emê, por isso desejo que você seja feliz... mesmo ao lado de outro. E por isso, também... é que lhe digo estas coisas. Perdõe... e não me leve a mal. (Pausa) Adeus, Maria Emê.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA, AFASTADA.

Maria - (depois de pausa longa, deslumbrada e comovida) Poderei escolher!... Poderei escolher!... Poderei casar, finalmente, com o homem que eu quiser. (riso nervoso, mixto de pranto) Sou rica! Rica!... Tenho dinheiro bastante!... Poderei casar com o homem que eu quizer!... (riso e pranto) Poderei escolher!... (riso e pranto) Poderei escolher!... (idem por alguns momentos)

CONTROLE - FINAL GRANDIOSO, ABafa O RISO PRANTO DE MARIA EMÊ E FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA FIM DO PRIMEIRO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE

2º A T O

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA INÍCIO DO SEGUNDO ATO.

Narrador - Foi Armandinho Birolho quem fez nascer, no cérebro estonteado de Maria Cambota, a ideia de poder escolher o homem que seria seu marido. Fôra êle, sim, que, por muito a amar, fizera, sem querer, com que ela despertasse para a realidade de uma vida diferente. E Maria Cambota exultou com a perspectiva de poder comprar o marido que mais lhe agradasse. Augusto Armênio fôra sempre o preferido, entre todos. Era noivo de uma moça rica, mas não tão rica quanto ela e si fôsse verdade o que diziam, que êle ia se casar com ela mais pelo seu dinheiro do que pela sua beleza, Maria talvez ainda pudesse realizar o seu supremo ideal. Não quiz, então, perder tempo. Dedicou-se, de imediato, à tarefa de conquistá-lo.



E tanto o procurou, tanto insistiu em fazer com que êle compreendesse o interesse especial que lhe dedicava, que Lizete, não podendo mais suportar aquela situação, resolveu-se a ter um entendimento com Maria Cambota, e foi procurá-la.

Lizete - Venho conversar com você a respeito de meu noivo. Que é que você pretende dele, afinal?

Maria - Como assim? Não estou compreendendo.

Lizete - Não se faça de tôla, Maria Emê. Você sabe, perfeitamente, o que lhe perguntei. Seja franca e responda.

Maria - Eu não posso responder uma pergunta que não compreendi.

Lizete - Pois então eu lhe farei compreender. Que pretende você de meu noivo, indo procurá-lo, todos os dias, no seu escritório, chamando-o ao telefone duas e três vezes por dia e bombardeando-o, na rua, com olhos de cabra morta, até mesmo quando êle passa de braço comigo?

Maria - O que eu faço com o seu noivo, agora, é a mesma coisa que eu fazia antes, sem que você nunca tivesse ligado importancia ao fato.

Lizete - Porque antes, suas ridículas pretensões não constituíam nenhum perigo para quem quer que fôsse, mas agora é muito diferente.

Maria - Diferente por que? Eu continuo a ser a mesma que era antes.

Lizete - Para pezar seu, você, pessoalmente, ainda é a mesma, mas socialmente e, antes de tudo, financeiramente, você hoje desfruta uma situação superior a qualquer uma de nós.

Maria - E é isso que você teme? Não confia, então, nos seus dotes pessoais para prender ~~xxxxxxxxxxxx~~ seu noivo?

Lizete - Isso é muito vago. Nunca podemos aquilatar, com precisão, o grau da ambição de um homem, mórmente nesta época conturbada que vivemos e em que tudo tem o seu preço.

Maria - Penso que um homem que é capaz de se vender, não merece que o dispute uma mulher que se preza.

Lizete - Nesse caso, você não se preza nem um bocadinho, porque pensa comprá-lo com a sua famosa herança. E compra-lo roubando-o de mim, o que ainda é piór.

Maria - Essa questão de roubar tambem é muito vaga, porque você sabia perfeitamente que eu o amava, antes de você namorá-lo e ficar noiva dele. Eu podia tambem dizer que você m'o roubou.



- Lizete - (risinho de escárneo) Tem graça! Palavra de honra que tem muita graça! Isso que você gostasse dele, ou deixasse de gostar, não pode entrar em conta, porque ele nunca ligou a menor importância às suas manifestações amorosas. Não era seu namorado e nem podia ser considerado como tal, portanto não procede a sua alegação de que eu o tenha roubado de você.
- Maria - Está bem, mas o que é que você pretende com essa conversa toda, afinal?
- Lizete - Que você o deixe em paz e não se meta com a nossa vida.
- Maria - Estou cuidando da minha vida, apenas.
- Lizete - Procurando destruir a vida dos outros. Isso é mal feito e não cabe a ninguém, o direito de fazer.
- Maria - E quando você ~~destruiu~~<sup>aniquilou</sup> o meu sonho, tratando casamento com Armênio, você cogitou de saber se destruiu a minha vida e se lhe cabia ou não esse direito?
- Lizete - Você não tinha o direito de sonhar tanto.
- Maria - Por que não? Você também não se achava com o direito de conquistá-lo?
- Lizete - É muito diferente.
- Maria - Diferente por que?
- Lizete - (risinho de escárneo) Óra porque! Olhe-se bem ao espelho que ele lhe dará a resposta. Você, naturalmente, não tem o menor censo de auto-crítica, do contrário não faria uma pergunta tão cretina.
- Maria - Você está procurando maneira de me ferir porque se sente ferida no seu amor próprio, essa é que é a verdade, mas saiba que de nada adiantarão as suas ironias nem as suas ofensas porque eu não me sinto atingida por elas e persistirei no meu ponto de vista. Só o desprezo de Armênio me fará recuar do meu intento. Si ele achar que a sua beleza e os seus dotes morais valem mais que o meu dinheiro, eu estarei derrotada e me resignarei, mas si ele se resolver por mim, saiba, desde agora, que não cogitarei de saber o motivo que o tenha levado a dar-me preferência.
- Lizete - Não precisará mesmo cogitar, tão sabido ele é de todos e de você própria. Só um cego seria capaz de ignorar esse motivo. A uma pessoa normal, capaz de enxergar-me bonita como sou e a você horrenda e deformada, não poderia restar nenhuma dúvida.
- Maria - Chega, Lizete. Creio que já nos entendemos, ou melhor, creio que já nos desentendemos definitivamente e nada mais temos a dizer uma à outra. Quer retirar-se e deixar-me em paz?



Lizete - Eu vou, sim. Já estou cansada de queimar cêra com meu defunto. (Pausa Escárneo) Maria Cambota!... (gargalhada)

Maria - (sentindo o escárneo e irritada) Basta, Lizete. Já lhe pedi que me deixasse em paz.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM (TREZ OU QUATRO PASSOS E PARAM)

Lizete - (afastada tantos passos quantos der o contra-regra) Maria Cambota! (nova gargalhada que vai sumindo, até desaparecer)

C/REGRA - MAIS PASSOS, DA DISTANCIA ONDE HAVIA PARADO, ATÉ DESAPARECEREM.

Maria - (Ódio, para si mesma) Vibora! Eu hei de te mostrar do que é capaz a Maria Cambota. Espera. Espera que has de ver que ri melhor quem ri por último.

Narrador - Transcorrido algum tempo, nova bomba explodiu sobre a cidade, pequena e pacata. Augusto Armênio desmanchára casamento com Lizete e era visto, em toda parte, ao lado de Maria Emê, destacando-se, com ela, em gentilezas e atenções. Diziam, até, que só para não dar tanto na vista, protelava ainda, por algum tempo, a oficialização do seu noivado. O comentário chegou, naturalmente, aos ouvidos de Armandinho Birolho que, desesperado com as previsões daquele nefasto casamento, buscou, de imediato, abrir os olhos de Maria Cambota. Tanto mais que, segundo se dizia, Augusto Armênio pretendia casar-se nos Estados Unidos, onde o divórcio era fácil.

Armando - Você ha de pensar, Maria Emê, que eu não tenho nada com a sua vida e que você não tem nenhuma obrigação de me prestar contas dos seus atos, mas pelo amor imenso que eu lhe dedico e pelo desejo, ainda maior, de que você encontre a verdadeira felicidade, tão difícil de se conseguir alcançar, venho saber, de você, o que existe de verdade nos boatos que circulam pela cidade, a propósito do seu casamento.

Maria - O povo se precipita, sempre, nos seus julgamentos, Armandinho. Sabe com quantos rapazes eu já tratei casamento, no dizer dessa gente? Cinco. Com o Heitor, com o Nicanor, com o Clóvis, com o Átila e o Augusto Armênio. É bem verdade que todos êles me procuraram muito, mas eu os tratei como antes: apenas como bons camaradas que sempre foram.

Armando - A "todos" você tratou como camaradas, Maria Emê? Até mesmo ao Augusto Armênio?



Maria - Bem... a esse... eu devo confessar que não. Com êle tem sido diferente, porque... porque dêsdê menina, foi sempre o eleito dos meus sonhos amorosos. Todas as vezes que pensei no meu casamento, era a sua figura esguia e insinuante que eu via ao meu lado, à frente de um altar.

Armando - Você sabe que êle... que êle estava noivo de Lizete por interesse?

Maria - Ouvi esse comentário várias vezes, mas também o povo fala tanto...

Armando - Eu tenho certeza absoluta de que isso é verdade, Maria Emê. Quem me falou, com absoluta reserva, foi o Ricardo, que é contador do Banco da Lavoura, e nosso amigo comum. Antes de se decidir a tratar casamento com Lizete, êle foi ao Banco, indagar a situação em que o pai da moça havia deixado a família. E só depois de ter conseguido informações favoráveis, é que êle se decidiu a oficializar o noivado.

Maria - Mas o que tenho a ver com isso, afinal? Não estou entendendo a sua intenção.

Armando - Tem que ficou amplamente comprovado que êle é um homem interesseiro e si agora desmanchou casamento com Lizete e busca conquistá-la, é porque já indagou e já soube que a sua fortuna é muitas vezes maior do que a fortuna da sua ex-noiva. Você deveria cuidar-se com um homem assim, Maria Emê.

Maria - Ouça, Armandinho: eu sei perfeitamente que Armênio pretende se casar comigo, visando a herança que acabo de receber, mas isso acontecerá, fatalmente, com qualquer outro rapaz que me pretenda por esposa.

Armando - "Com qualquer outro rapaz!" diz você?

Maria - Bem... ha uma exceção, uma única: você. Mas infelizmente, Armandinho, o meu coração não pode pensar em você sinão como num amigo sincero e dedicado.

Armando - Compreendo.

Maria - Portanto... estando você fóra de qualquer cogitação, por motivos imperiosos e completamente alheios à minha vontade, entre cinco ou seis rapazes que se apresentam como pretendentes ao título de meu marido, tendo, todos, o mesmo e inconfundível objetivo, é preferível que eu escolha aquele por quem o meu coração sempre pulsou.

Armando - Si ao menos eu pudesse ter a certeza de que êle seria bom para você.

Maria - Eu farei com que êle o seja, pode estar descansado. Hei de tratá-lo







Emê?

Maria - (depois de pausa) Está bem. Eu não quero que você diga que eu lhe neguei tudo. Prometo dar-lhe esta compensação.

Armando - (comovido) Obrigado, Maria Emê. Muito obrigado! (quasi chorando) É uma compensação, realmente. Pôde crer. Ao menos, você ficando aqui, eu poderei estar sempre vigilante, como escudeiro fiel da sua felicidade. Não permitirei que ninguém, e principalmente êle, seja capaz de ludibriá-la.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL GRANDIOSA, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

3º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE

CONTROLE - CARACTERÍSTICA PARA INÍCIO DO TERCEIRO ATO.

Narrador - Maria Emê cumpriu a promessa que fizera a Armandinho Birolho. Casou-se na sua pacata cidadezinha, com o Padre Alfonso, naquele mesmo altar que fizera parte dos seus sonhos de adolescente. A igreja transbordava de gente. Armandinho Birolho, encolhido a um dos cantos da nave, viu-a passar no seu rico vestido de rendas e os seus olhos se inundaram de lágrimas. Maria Cambota, feliz e sorridente, deixara o altar pelo braço de Augusto Armênio, completamente alheia à saraivada de insinuações e cochichos maldosos que giravam, na multidão, em torno de sua pessoa. (Pausa e tom) Ao fim de um mês e pouco de casados, o marido conseguiu convencê-la de embarcarem para os Estados Unidos, onde dizia - ela talvez pudesse fazer um tratamento para a sua gagueira e uma operação que lhe endireitasse, ao menos um pouco, aquelas pernas tremendamente tortas. Esse argumento foi que mais a influenciou para que ~~ela~~ faltasse à promessa que havia feito ao Armandinho Birolho. Embarcaram de avião e lá permaneceram vários meses. Entrementes, os comentários ferviam na cidade.

Zélia - Sabes o que descobri hoje? Lizete se corresponde com Augusto Armênio.

Dalva - (assombrada) Zélia!... Não é possível! Nem repitas uma coisa dessas.

Zélia - Afianço-te que é verdade. Eu vi a carta. Fui à posta restante procurar a resposta de uma consulta que havia feito a uma revista e quando o empregado buscava, entre as cartas, aquela que eu procurava, vi uma, com selo e carimbo dos Estados Unidos, dirigida à Lizete. Pedi licença ao rapaz para olhar os selos - pretexto, é claro - e virando o envelope



- pe, li perfeitamente o nome do Armênio. Só não pude ler bem o endereço porque era um nome todo atravessado, mas o nome dele eu li muito bem.
- Dalva - Será mesmo possível que Lizete esteja se correspondendo com um homem casado? Que será que ela espera?
- Zélia - Óra, bobalhona, ela espera o que já todo o mundo dizia, antes do casamento dele: Que ele se divorcie da outra e case com ela.
- Dalva - Vai ver, então, que não é destituído de fundamento aquele comentário da dona Hilda de que eles vivem às turras, desde que lá chegaram.
- Zélia - Já o doutor Mendes, quando veio de lá, disse que cansou de encontrá-lo, sempre sósinho.
- Dalva - Bem, mas parece que naquela época ela estava num hospital. Tinha ido tentar a tal de operação nas pernas que, no final, parece que resultou inútil.
- Zélia - Ela não estava no hospital coisa nenhuma, pois se o doutor Mendes foi que trouxe a notícia do fracasso da operação. Ela já tinha saído há muito tempo.
- Dalva - No fim, a Lizete é que vai levar a melhor, porque ele vai gozar com ela a dinheiro da Maria Cambota.
- Zélia - E isso não vai demorar muito. Tú vais ver como dentro de dois ou três meses nós já vamos saber que eles estão divorciados.

Narrador - Mas apesar dessas previsões, os fatos não ocorreram como todo mundo previa. Passou-se todo o ano e mais outro e ainda outro e Maria continuava nos Estados Unidos, vivendo com o marido que, a pretexto de não poder abandonar seus interesses, teimava em ficar por lá. Finalmente, quando estavam para completar cinco anos de casados, Maria Cambota surge, sósinha e inesperadamente, na cidade que fôra seu berço. E só então, contada por ela própria, é que a verdade ficou sendo conhecida...

Armando - Você... você vai demorar aqui, Maria Emê?

Maria - Sim. Não disse ainda a ninguém, mas a você vou dizer: eu vim... para ficar.

Armando - Mas... e o seu marido? Ele... ele virá depois?

Maria - Não sei, Armando. Estamos... estamos ~~desquitados~~ *divorciados!*

CONTROLE - ACORDE SECO, EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Armando - Como?!... Você... você está desquitada de Augusto Armênio?

Maria - Sim. Sofri muito e... fracassei completamente no meu intento de conquistá-lo.



Armando - Lamento, Maria Emê. Lamento sinceramente, creia.

Maria - Eu sei, Armando. Sei que você lamenta com sinceridade. Você desejou realmente que eu fôsse feliz, mas a felicidade... fugiu sempre de mim.

Armando - Não, Maria Emê. Você é que fugiu da felicidade.

Maria - (Pausa) Compreendo. É... talvez você tenha razão, mas ha creaturas assim. Que a felicidade anda com elas da mesma forma que as linhas paralelas. Andam... andam... andam toda uma vida... e nunca se encontram. Não é fácil vencer-se o destino, Quatro anos lutei, incessantemente, para vencer, para conquistar meu marido, dando-lhe toda a ternura, todo o carinho, todo o amor que seria capaz de abrigar um coração de mulher, Mas Augusto Armênio era insensível... calculista... frio... Nada o comovia.

Armando - (depois de pausa) Ouvi dizer que... que êle gastou quasi toda a sua fortuna. É verdade?

Maria - Sim, é verdade. Mas isso era o que menos me preocupava. Para vê-lo contente e feliz, eu a teria dado, toda, todinha, de bom grado, mas um dia... surpreendi-o em colôquio amoroso com a sua secretária, uma loura bonita e provocante. Era a primeira vez que aquilo acontecia e eu estaria pronta a perdoá-lo, si ele me tivesse abraçado e pedido perdão pela sua falta, mas em vez disso êle se irritou e, na frente dela, disse-me coisas terrivelmente humilhantes. Chamou-me de horrosa, de monstro, de aleijada...

Armando - (ódio concentrado) Canalha! O monstro foi êle.

Maria - Exigi-lhe imediatamente o <sup>divorcio</sup> ~~divorcio~~ e ainda, por ironia da sorte, fui obrigada a dar-lhe a metade do pouco que ~~nada~~ me restava. Eu não queria vir, não queria dar a esta gente o gosto de me verem assim derrotada, mas eu não poderia continuar lá, a não ser que trabalhasse para me manter e, embora tivesse procurado trabalho, não foi fácil consegui-lo. Aqui eu ainda possuia esta casa e o montepio do padrinho, que me perfilhou antes de morrer. Puz o amor próprio de lado, e vim para ficar.

Armando - Pobre Maria Emê! E você poderia ter sido tão feliz aqui!

Maria - Eu sei, Armando, eu sei, mas agora é tarde e não vale mais a pena falar. Você me teria dado o que eu sempre desejei possuir, sem nunca haver alcançado: um carinho sincero e um amor devotado.



Armando - Amor e carinho que continuam guardados no meu peito, Maria Emê, e que ainda lhe pertencem.

Maria - Mas hoje, infelizmente, sou uma mulher <sup>divorciada,</sup> ~~desquitada,~~ Armando. Somos ambos católicos e não cometeríamos uma falta que a nossa fé condena.

Armando - Tem razão, Maria Emê.

Maria - ~~tem razão, Maria Emê.~~ Só nos resta seguir o destino das linhas paralelas, até que Deus se lembre de que também somos seus filhos e um dia baixe os seus olhos para nós.

Armando - Quem sabe se ainda um dia...

Maria - É... pode ser que isso aconteça, mas... Ele está tão alto!... Tão longe de nós!... Tão longe!...

Armando - Não, Maria Emê, Deus está sempre junto de nós. Sempre perto de nós. Nós é que, muitas vezes, nos afastamos dele, pretendendo contrariar os seus desígnios. Nós é que quasi sempre o esquecemos, quando julgamos que Ele se esqueceu de nós.

Narrador - Durante seis meses Armandinho Birolho visitou, semanalmente, Maria Cambota. Ia levar-lhe o consolo de uma palavra amiga e consolar-se, ao mesmo tempo, olhando para aqueles olhos tão inexpressivos e <sup>admirando</sup> aquela boca tão feia, mas que mesmo assim ele amava e tanto havia desejado que tivesse sido sua! Numa das suas últimas visitas, Maria lhe perguntou:

Maria - Você que está mais em contato com essa gente, não ouviu nenhum comentário a respeito de uma suposta viagem que Lizete foi fazer?

Armando - (Pausa) Ouvi, Maria Emê.

Maria - (Pausa) Falê. Eu estou esperando.

Armando - Que quer que lhe diga?

Maria - O que ouviu sobre essa viagem.

Armando - Para que? Não acha que há certas coisas que é preferível ignorarmos?

Maria - Não. Eu prefiro saber tudo, ainda mesmo que sofra com a verdade.

Armando - Bem... já que você deseja... Ela esteve em casa de tia Julieta se despedindo.

Maria - Mas então é verdade que ela foi mesmo?

Armando - É verdade, sim. Foi... para os Estados Unidos.

CONTROLE - ACORDE TRAGICO EM FUNDO.

Maria - (depois de pausa) Diga o resto.

Armando - Vai... vai encontrar-se com Augusto Armenio para... para se casar com ele.

CONTROLE - NOVO ACORDE, SEM CORTAR.



Maria - Então... é mesmo verdade o que Zélia me contou.

Armando - (Pausa) E nós, Maria Emê? Essa atitude deles não nos dará coragem para rompermos o preconceito que afasta os nossos corações?

Maria - Não, Armando, nem pense em semelhante coisa. Eu sou feia e estou pobre. As mulheres assim, o mundo nada perdôa. Sua própria família, religiosa como é, não me receberia nunca e só esse fato seria suficiente para que você não se sentisse inteiramente feliz. Depois da dolorosa experiência por que passei, eu só creio na felicidade espontânea, sem impecilhos a vencer. O primeiro golpe foi muito profundo para que eu me exponha, voluntariamente, ao segundo. Deixemos as coisas como estão. (Tom) Ah, é verdade, outra coisa que eu queria perguntar a você: a Zélia me contou, também, que o Padre Cipriano esteve em sua casa, falando com sua mãe a respeito da nossa amizade. Isso é verdade, Armando?

Armando - Bem, êle... é natural, você compreende... foram contar a êle coisas que não se deram, mas... agora ele já sabe que nada é assim como disseram.

Maria - Quer dizer, então, que há quem comente, maldosamente, a nossa amizade?

Armando - Bem, isso você sabe... o mundo está cheio de perversidade.

Maria - Pois bem, eu vou então lhe fazer um pedido.

Armando - Faça.

Maria - Não venha mais aqui.

Armando - Como?! Mas então... pela maldade do mundo você vai me tirar o único consolo que ainda me resta?

Maria - Infelizmente é preciso, Armandinho. Sei que você sentirá a sua falta e que o meu coração sentirá saudades pela sua ausência, mas não poderemos fugir a esse imperativo. É um tributo que a minha dignidade exige e eu devo pagá-lo. Meu nome é tudo que me resta, agora. Ajude-me a conservá-lo.

Armando - (depois de pausa, profunda emoção) Está bem, Maria Emê. Eu não virei mais aqui.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL GRANDIOSA. BAIXA E FICA EM FUNDO.

Narrador - Para ser bem verdadeiro, <sup>eu</sup> deveria terminar aqui (esta história que estou contando, pois que, até aqui, eu sei que tudo isso aconteceu realmente; mas aconteceu, também, que uma transferência imprevista me afastou do cenário desse drama e dos personagens que o viveram e, ~~em consequência, daqui para~~ em consequência, daqui para



diante a historia vai por conta do que me contaram ha poucos dias. Diz que depois de malbaratar a fortuna de Lizete, Augusto Armênio abandonou-a e que esta <sup>lhe</sup> deu ~~um~~ um tiro à porta de um teatro, onde o encontrou na companhia de uma outra mulher. Diante disto, Maria Cambota e Armandinho Birolho casaram ou vão casar agora, por esses dias. Como já lhes disse, não sei se isso será realmente verdade, em todo caso... <sup>aqui fica o</sup> ~~o~~ ~~remate~~ ~~da~~ ~~historia~~ ~~por~~ ~~conta~~ ~~de~~ ~~quem~~ ~~contou.~~ <sup>contou.</sup>

CONTROLE - CORTINA MUSICAL FORTE, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO.

DISTRIBUIÇÃO:

Maria Cambota.....	ZAIRA ACAUAN
Armandinho Birolho.....	PAULO RICARDO
Zélia.....	ROSA MARIA
Dalva.....	LOLITA ALVES
Lizete.....	NELITA AGUIAR
Narrador.....	ROBERTO LIS